



Jornal das Senhoras – Tomo I - 9 de maio de 1852 - Edição 19

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=171>

TOMO I. – DOMINGO, 9 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

LIÇÃO

IV.

SENSAÇÕES, EMOÇÕES, IDEIAS.

Demonstrado que os apparelhos organicos, são os conductores, ou intermediarios, que põem a *alma* em contacto com o mundo exterior ou material, como quizerdes; devo ainda dizer-vos que a alma não depende absolutamente d'elles; que a fantasia e a memoria crião ou reproduzem em o nosso ser interno - e a prova é que dormindo, por meio do fenomeno do sonho, nós ouvimos, vemos, gozamos e soffremos; fóra do sonho, temos a abstracção mental, em que fechados os olhos, ou as vezes abertos e fitos em um só logar, vemos passar visões de toda a qualidade: eis a prova mais conduscente, de que é a nossa alma quem possue as propriedades, que se attribuem aos orgãos, e que sendo a alma uma substancia immaterial, uma parcella divina, ella não depende absolutamente dos orgãos. E para prova ultima, dir-vos-hei, que na falta dos orgãos, a intelligencia redobra, e a actividade d'alma duplicada, por assim dizer, supre o defeito da natureza - pelo augmento de percepção. - Eis os cegos, que perderão este orgão depois de alguma idade, chegarem a differençar as côres pelo tacto! e cujo ouvido e os mais orgãos que lhes restão, ficão como que em uma excitação constante, cheia de subtileza e de actividade.

A impressão que os orgãos comunicão aos sentidos, ou a impressão que os sentidos recebem pelo contacto physico ou moral do não – Eu - é o que chamaremos sensação.

O desenvolvimento da sensação na nossa alma produz a emoção, e é origem do sentimento, quero dizer, da affecção boa ou má que sentimos, e da idéa.

O sentimemo corresponde sempre, ao que os philosophos chamão paixões, e que os frenologistas chamão fossas da sensibilidade, affecções moraes, &c. &c.

A idéa, corresponde inteiramente ás facultades intellectuaes; o desenvolvimento da idéa é o que chamamos juizo, e a faculdade, que desenvolve e aperfeiçoa a idéa, é o que chamamos razão!

Vede queridas senhoras, que obra tão maravilhosa é este nosso organismo, e como depois de estudal-o pôde haver, quem duvide da existencia de DEUS!

Comprehendemos todas as mytologias que com o nome de *cultos* existirão na sociedade em todos os seculos e em todas as épochas, o que nunca podemos encarar sem horror foi o Ateismo... miseraveis! cegos! que negão aquillo mesmo que sentem! que não reconhecem a mão criadora nessa maravilha de mysterios tão delicada, ingenhosa e sublime-a alma...!

Inutil é dizer-vos que assim como são diferentes as impressões que recebemos, assim tambem se distinguem as emoções -- aquellas que nos dão prazer espalhão um bem-estar ineffavel em o nosso ser physico e moral, e nasce então esse vão desejo de prolongar e aperfeiçoiar esse estado até tocar o limite supremo a que chama mos - dita, ventura; felicidade!

As emoções de dôr, pelo contrario, prostão o corpo e o espirito, queremos fugir de nós mesmos, e afastar-nos da causa do nosso martyrio.

E' neste caso que a consciencia exerce uma terrivel influencia.... é inutil querer-lhe fugir; Deus gravou no coração de cada homem a lei do justo e do injusto, assim como lhe deu a percepção do bello e do feio, assim como lhe doou o instincto do bem e do mal. Por isso quando transgredimos as leis naturaes, tão augustas, tão eternas, quanto simples, a nossa consciencia se opõe, e quando não a escutamos, satisfeita uma vez a paixão ou o desejo, que não sabemos dominar, sentimos o remorso, o remorso que só o arrependimento apaga, porque satisfeita a lei natural, - a lei de Deus - ficamos em paz com nosco mesmo.

Se nos convencessemos destas pequenas verdades que acabo de demonstrar-vos, se nós tomassemos o trabalho de estudarmo-nos com vagar, a quantos desgostos nos pouparíamos!... Em si mesma encerra cada criatura todos os elementos de ventura e de desgraça; Deus lh'os deu, e lh'os deu pela intelligencia, pela razão e pela vontade os meios de lutar, de dominar-se a si mesma e de triumphar... querer e poder!

Mas tudo vai vivendo como pôde, e poucos são aquelles que perscrutão a obra divina e procurão preencher a sua missão na terra!

(Continua.)

PHYSIONOMIAS.

Foi uma manomania que me assaltou desde minha mais tenra mocidade, a de estudar as physionomias; ora naquelle tempo nem eu suspeitava que existisse Lavater, e já por uma curiosidade indesivel eu procurava comparar a physionomia dos homens e *das mulheres* (já se entende) com a physionomia dos animaes. Nada é tão certo como essa analogia mysteriosa, essa semelhança do rosto humano - com os brutos... estudae linha por linha, segui-as, prolongai-as, e depois procurai entre os animaes, e ficareis admirado do resultado....e não procureis só entre os mamiferos, que são os que mais se aproximão ao homem, estudae a physionomia dos passaros, a dos peixes, a dos insectos, e convencer-vos-heis.... Ese tiverdes occasião de estudar os sentimentos, de conhecer os instinctos do individuo, mais confundidos ficareis comprovando que os seus instinctos são os do animal, ou animaes que se lhe parecem, porque as vezes o rosto á primeira vista apresenta uma semelhança enganosa. E' necessario um estudo muito vagaroso das diferentes linhas da physionomia para fixar o primeiro esboço de semelhança comparativa.

Eu não duvido que este estudo seja uma manomania, que a semelhança seja só uma exaltação da bossa do miraculoso, porém ainda que assim seja, a phrenologia e a physionomia sempre serão dois estudos curiosos que nos levarão apos immensos descobrimentos.

Eu tenho contrahido tal habito de estudo, que as vezes acontece-me deixar de prestar attenção ás palavras e procurar o fundo do pensamento do meu interlocutor... e podereis acreditar que tenho revelações importante, e que das mais da vezes essas tristes revelações me demonstrão o contrario daquillo que os outros me querem persuadir !....

Através do vidro da mystoriosa e magica luneta deste estudo, quantos desenganos tenho eu tido ?... E que immenso vacuo deixa no coração essa perda das illusões !...

Outras vezes um riso convulsivo e sardonico acolhe essa certeza de que somos a victima da falsidade.... é curioso!... Observai aquelle sujeito, cujo rosto pronuncia a taciturnidade do moxo, a vaidade do pavão, a dissimulação do gato, a estupidez innata do asno - uma educação

– 146 –

esmerada corrigiu esses defeitos todos, e deu-lhe a instrucção e a polidez social.... com tudo os instictos naturaes ainda se deixão perceber a quem se toma o trabalho de perscrutar no individuo physico, o vago esboço do individuo moral. Estudai esse homem, elle vos falla sempre em funções, é brincalhão, quer parecer alegre, para disfarçar sua taciturnidade natural.... por que todos procuramos parecer aquillo que não somos.... estudai sua linguagem, estudai seu vestido e vereis que tudo nelle respira vaidade como elogia os mais para que lhe retribuão seus elogios.... ouvi-o raciocinar, máo grado seu habito do mundo, no fundo achareis nelle a tenacidade e a triste avidez do estupido animal a quem se assemelha!

Olhai para o rosto daquella mulher.... o que nos diz elle?

Nessa mansidão apparente, nessa humildade de encommenda, achareis a zorra. O todo dessas feições toscas nada prometem de distincto nem poetico.... nessa testa mal delineada vereis a falsidade; nesses olhos, de olhar apagado e que fogem sempre, reccai a traição; esse nariz prolongado e curvo como o bico do papagaio, denota indiscripção, essa boca avultada e grande, dizem que é falladora e sensual.... Pois ouvi as confidencias dessa mulher.... ella dir-vos-ha que é - sincera, discreta e espiritualista.... Tudo vae assim.... e teremos de obstar entre a injustiça que condena, acreditando penetrar o a cano do Eu de outrem, ou a boa fé, que é sempre victima da falsidade dos malvades!

ANECDOTA.

UMA POR OUTRA

Em certa reunião onde todos brincavão, comia-se e conversava-se á grande entre os ditos agudos, e as resposta de fazer estalar de riso a mais não poder, sahiu-se um moço muito sério com a seguinte passagem. Quando eu estudava philosophia em 1831, o nosso padre mestre, que era de poucos amigos e usava d'oculos fixos, apenas as sentou-se para antrarmos em lição, principiou a sacudir dos olhos uma mosca que importuna e tenáz não lhe sahia de cima de um dos vidros dos oculos; depois de muitas sacudidelas, e de já ter chegado o altivo padre mestre

ao estado de frenesi fradesco, tirou os oculos e poz-se a miral-os, supondo que estivessem besuntados de melado.... ora o que havia de ser a tal mosca, e como poderia d'ali sahir, se era um ponto de tinta com quatro rabiscas e meia, que os estudantes the havião pintado nos oculos muito de proposito para fazel-o dar aquelle espectaculo !!!

Ah! ah! ah! ah! Foi uma risada geral, e todos applaudirão o historiador.

Sáe-se porem d'ali um gaiato doutor e diz por sua vez - Ora esta é como outra que aconteceu á minha vista estando eu em Coimbra.

-Vamos á ella! Vamos á ella! repetirão em coro os amaveis.

- Eu lhes conto. Fui a uma festa de igreja em domingo, dia de S. Matheos, que ali se festejava com grande pompa, e antes principiaro a repicar os sinos e a dobrar por tal fóрма, que não sei como despega-se lá da torre o sino grande e vem abajo.... zupte! e abafa tres sujeitos que estavão em pé a conversar! com tão grande felicidade que não machucarão nem um dedo se quer!

- Ora viva! e o badalo não offendeu a ninguem? perguntou o sujeito da historia dos oculos, com áres de muita agudeza.

- O badalo, respondeu-lhe o doutor a rir-se como um perdido, o badalo cahiu por entre os tres homens, com tanta subtileza como a que os estudantes tiverão para pintar uma mosca nos oculos *fixos* do padre mestre!

Oh! minhas senhoras, que gargalhada geral! Como ficou enfiado o moço da historia !..

POESIA.

Queixumes do Nauta.

Era ella meu sonho doirado;
Era ella meu puro viver;
Era ella o prazer desejado,
Abraçal-a, depois-só morrer.

Era ella que eu tinha na mente
Que inda joven, amor exaltou;
Sua imagem foi lava que ardente
O meu peito de amor suffocou.

Foi por ella, que era minha alma,
Que corri, que vuei á batalha;
Por trazer-lhe da gloria uma palma
Ou nas vagas ganhar a mortalha.

Foi por ella que os ríjos tufões
Sobr'as vagas do mar affrontei;
E os roncos dos ferreos canhões
Com semblante de ferro encarei.

Em meio d'acceza voragem
Dos canhões ao confuso vapor,
Eu a vi com alva roupagem
A enfundir-me, a legar-me o valor.

Quando as ballas cruzavão aos pares,
E granadas por sobre o convés,
Eu a via a voar pelos ares
A animar-me de novo outra vez.

Foi por ella que o gladio impunhei
E ouzado feri na abordagem,
Foi por ella que imigos prostrei,
Como o raio na curta passagem.

Foi por ella que em luta renhida
Forte alento no peito eu senti;
Tendo a vida nas armas perdido
Braço a braço lutei e venci.

Foi por ella que ouzado atrevido,
Pela patria esta vida arrisquei;
E por ella tambem fui trahido,
Boa paga da patria encontrei!

Meu viver foi apenas um sonho,
Que a verdade cruel dessipou;
Foi da tarde o crepusculo rizonho
Que o manto da noite embrulhou.

Solomon

Meus queixumes.

Prefiro a vida acabar,
Do que viver sempre assim;
Ter um tormento sem fim,
A gemer, sempre a chorar!
O que mais pôde esperar
Quem a um homem adora ?!
Quem debalde aos céus implora
Termine o seu padecer ?!
Para quem sempre a soffrer
Passa a noite vem a aurora?!

Infeliz logo ao nascer
Que eu fosse o Fado assentou;
D'esse instante começou
De meus males o correr!
Mas tão continuo soffrer
Não abranda o meu destino...
Paciencia, eu me resigno.
Quanto deve inda durar
Tal martyrio, tal penar,
Só sabe o PODER DIVINO?

C.

CHRONICA DOS SALÕES.

Já sei, já sei que esaës muito arrufada commigo.... Assim mesmo hade ser. Não vos appareci domingo passado, não vos dei as novidadezinhas da semana, por consequencia, pobre de quem escrevinha! não cumpri com os meus deveres, nem satisfiz o vosso desejo! Pois façamos as pazes agora, querida leitora, neste momento mesmo, sim? E mostremos aos praguentos que nós não sabemos guardar offensas, quanto mais - arrufos!

Ora venha, venha lá esse abracinho.... Bravo!

Agora, muito bem; vou dizer-vos a razão que tive para vos faltar domingo, e vede em vossa alma e consciencia se não vos mereço desculpa.

Uma das minhas especiaes amigas, a Sra. D. Maria Luiza de Azevedo, essa māi carinhosa e desvelada, acaba de perder seu filho mais velho, joven digno de todas as attenções por suas bellas qualidades e de mui grandes esperanças na carreira das letras que tão intelligentemente as havia encetado! Senti vivamente essa perda fatal; e a dôr e o pranto da amiga tornárão-me incapaz de tudo que não fosse sentir com ella a morte do seu querido filho!

Nessa mesma occasião perdia tambem o seu unico filho a Exm.^a viscondessa de Olinda. Que desolação!

Transcreverei aqui os ultimos versos feitos pelo joven talentoso, o Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo, antes de adoécer « como antevendo a sua morte é o canto do cysne moribundo: »

SE EU MORRESSE AMANIA!

Se eu morresse amanhã viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste, irmā;
Minha māi de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

JORNAL DAS SENHORAS

IL SOSPIRO

CANZONNETTA

POESIA DE SILVIO PILLICO

MUSICA DE LACOURT

CORTE

Allegretto

PIANO.

mf. *p*

mf. *ff*

p.

Ball. *à tempo*

col canto *ff* *p a tempo.*

Amore é sos...pi...ro D'un core ge...men...le che solo si

Amor é so...pi...ro D'un core ge.... men ... te che solo si

sen...te: l'hebrum a pie...tà: De le...r é sos...pi...ro

*sen-te ; Chebramapi-tá : Do lor é - sos... pi... ro
col canto ffP a tempo*

A musical score for voice and piano. The vocal line starts with a melodic line over a piano accompaniment. The lyrics are: *D'un cor'seurá i la. Percui piú la vi... ta In-canto non*. The piano part features eighth-note patterns and dynamic markings *f* and *p*.

D'un cor'seurá ... i ... ta, Percui piú la vi.... ta In-canto non

A continuation of the musical score. The vocal line continues with: *ha. Per cui piú la vi... ta In... can lo non ha*. The piano accompaniment consists of eighth-note chords and dynamic markings *f*, *p*, and *f*.

ha Per cui piú la vi--- ta In-- can - to non ha

Speranza é sospiro

D'un core, se agogna

Se mira se sogna

Ridente balen:

Timore e sospiro

D'um core abbatuto

Uhe forse ha perduto

Co'ombra di bea

Timere sperams,

*Dolore ed amore
Del leve uman core
Son vario sospiro
Sospiro son breve
La giola, il martira
Son breve sospir
La vita, il morrir.*

*E pure in si breve
Sospiro, o mio Dio,
M'hai dato il desio
D'accoiglierti in me!
M'hai dato uma luce
Che diva si sente
Me hai dato una mente
Ch'elevasi a te.*

– 148 –

Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manha!
Eu perdera chorando essas corôas
Se eu morresse amanha!

Que sol! que Céo azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louca!
Não me batêra tanto amor no peito
Se eu morresse amanha!

Mas éssa dor da vida que devora,
A ancia de gloria, o dolorido afã,
A dor no peito emmudecêra ao menos
Se eu morresse amanha!

E após este bello genio, resta opranto e a sau-dade!...

- Como está applicada!... Jornaes por aqui, livros por ali.... Bravissimo! Dir-se-hia á vista de tanta applicação e de todo este apparato que, a senhora escrevia neste momento um artigo para o *Jornal das Senhoras*....

Era, sem tirar nem pôr, o meu velho medico de partido, que veio surprender-me mesmo com a *boca na botija*, como se costuma a dizer! A posição destes senhores, quando chegão a velhos, é de importante autorisação!

- Pelo que vejo, proseguiu elle, já está restabelecida, e apenas mandou-me chamar para ser consultado em litteratura; vejamos então o artigo....

- Ora, doutor, deixe-se disso, respondi-lhe rindo-me da sua veterana curiosidade - a este papel não se toma o pulso; veja antes se tenho febre.

- Oh! Então o papelinho sempre tem o que se lhe diga.... Vejamos porém o pulso. Está frequente!... uma, duas, tres, quarenta! cincoenta!! oitenta e tres!!! Não tem duvida. De que mais se queixa então?

- Doutor, ha dias não passo bem: frequentes dores de cabeça encommodão-me continuamente; dores vagas pelo estomago, corpo languido, arripios de frio algumas vezes, e falta total de appetite....

-- Bem, bem, isso nada é. O que entende que lhe deve ser util? Vamos á prescripção.

- Doutor, eu entendo dever tomar um suadouro; no dia seguinte um laxante....

- Vai muito bem.

- Depois convalecência em Petropolis.

- Perfeitamente! Prescreveu em regra e na moda. *Récipe* - suadouro, laxante e convalecência á moderna Dieta, aquella que quizer - coma quando tiver fome.

É este o sistema do antigo doutor ha muitos annos; o enfermo, e quando o não pode fazer, o enfermeiro ou parentes indicão os remedios, e elle os approva. É um medico condescendente.

- Agora, doutor, que está acabado por hoje o seu magisterio nesta nossa casa, conte-me como amigo o que vae de bom per esse mundo: tenho estado tão retirada da sociedade, que de nada sei.

- Duvido muito; disse-me elle sorvendo uma extensa pitada. Aposto desde já que hade saber-que a Zecchine nas repetições da *Rainha de Chypre, Lucia, e Maria de Rubenz* tem cantado satisfatoriamente, e vae fazendo progressos e brillanturas? - que deu aos seus amigos e aos paparrotões um explendido jantar, onde se fizerão saudes do trinque ao som do tinir de copos enrubecidos pelos vinhos mais especiaes e macios, que puzerão em *papos de aranha* a

mais de quatro? - que a Stoltz já voltou de Petropolis arejada e restabelecida, e vae dar uma lição de mestra a muita gente, que ainda entende que o *necessario* está a par do *impossivel*? - que a interessante Baderna tem sido vitima da mais baixa e vil intriga, desgostando-se assim por todos os meios e fó mas reprehensivas uma das melhores dançarinhas que tem tido os nossos theatros, até fazel-a soffrer o mesmo destino a que outras artistas de igual merecimento tem sido impellidas, e sempre couspurcadas pela mesma nefanda mão, que fermentará todos os theatros do Brasil onde lhe derem entrada infelizmente.

- Bravo, Sr. doutor! gostei de ouvil-o. Este um amador ás direitas das nossas scenas theatraes! ora queira Deos que não deixe ir-se o coração no bico do sapatinho de alguma piroeta... ou ao som de algum *lá maior...*

- E diga-me já sabia destas novidades? interrompeu o doutor como quem não me ouvia.

- Pouco mais ou menos; os jornaes teem dito alguma cousa a este respeito, e pelo jogo das correspondencias successivas já descubri um dos dedos da *tal munheca* de que me falla. Mas não são novidades doutor!

- Pois espere um pouco mais D. Bellona, disse-me elle em tom de profecia, e verá se, são ou não, novidades as que lhe conto com a precedencia a qualquer jornal, de 20 a 30 dias. E declarou-me baixinho certas intrigas e certos planos.

- Assim será... respondi um pouco triste. Pois doutor eu confio muito na justiça do povo

- 149 -

sensato e na assidua vigilancia das autoridades. Porque não axtirpão o mal!...

- Qual povo e qual justiça (poz-se o velho em pé) ha cousas que ella não pôde deliberar, e elle como um patinho deixa-se ir pela agua abaixo.... Com esta vou-me embora D. Bellona - *suadouro, laxante, convalecenza á moderna*. Até amanhã.

- Minha ama dá licença!

- Entra Santos; o que temos de novo?

- Estas duas cartas e este bilhete: os portadores ficão esperando.

- Sim, eu já os despacho.

Vejamos a correspondencia... oh! uma carta da Redactora em chefe!...

« A respeito do meu drama vaudeville, intitulado a *Salobia*, que tem de ser representado no theatro de S. Januario quinta feira proxima, basta um simples annuncio vosso; será melhor que fazer uma especie de resenha, porque pôde alguem, por caridade christã, suppor que têço elogios á mim mesmo, e é cousa que nada me agrada. » Resposta: - querida Redactora não

estaes com o seculo! obdeço ás vossas determinações, mas não apoio a vossa modestia neste caso.

O que se conclue desta modestia é que os jornaes já declarárão, que forão offerecidas ao J. Caetano dos Santos tres peças - O velho bailarino, o Roçero na côrte, a Perola do Brasil - e a vossa *Salobia* ficou no tinteiro, assim como as outras composições que já lhe tendes offerecido. Isto bem traduzido, quer dizer - que vós não vos déstes ao trabalho de vos entender com os *factos diversos*. Bem sabeis que quem advinha vae para a casinha.

Vamos á segunda carta. « Minha feiticeira (muito obrigada) voce que está na côrte, e com todas as proporções, veja se pôde copiar esta, addicionar-lhe algumas palavras bonita, com que voce tanto me embelleza, e remettel-a á casa do Mongie, rua do Ouvidor n. 87, indo de cima para baixo, ao lado direito, com o sobrescripto á Redactora em Chefe do *Jornal das Senhoras*, para que ella tenha a bondade de publicar estas toscas linhas em favor do baile novo, Nitherohiense, instalado na antiga e elegante casa do baile Praia-grandense, e dirigido pelo seu digno presidente o Sr. José Maria Rabelo.

Estou tão influida con este novo baile, que pareço mesmo uma menina de 16 annos! Quando entrei naquelle vasto salão, illuminado com os seus desesete lustres, garnecido de bellas e interessantes meninas, trajadas com gosto e simplicidade, dei um profundo suspiro, e com bem saudades muito me lembrei do meu tempo do baile da Praia Grande.... desse baile que me deu tantas noites divertidas! Sempre foi o primeiro que se instalou no Rio de Janeiro, e o primeiro que fez casa e casa como não temos por ora outra tão boa e apropriada. Mas já nesse tempo reinava a praga das *agulhas ferrugentas*; alguns mezes depois de concluido o salão a sociedade foi a baixo, e morreu! Imaginai, pois, o prazer que tive quando de novo entrei nesse salão, depois de 16 annos, e quando já nenhuma esperanças me restavão de vê-lo passar de casa da camara á casa de baile outra vez! Estou douda de amores pela Sociedade Kitherohyense! Sou socia, e faço votos para que ella prospere e continue a brilhar como brilhou na primeira noite da sua estreia.

Resposta. - É recebida com especial agrado a sua carta, minha amiga; mande-me convidar para outra vez, e continue a escrever.

O que será este bilhete? Leiamos - « Bellona, estou ultimando um episodio intitulado - os meus amores - para te mandar no Domingo. Aquella carta que recebeste pela casa Mongie, por quem és, não lhe dés publicidade por ora: ha seus *ff* e *rr* em que havemós conversar. »

Fica esperada até conhecermos os *ff* e *rr*. Venha o episodio quanto antes.

- Santos!

- Aqui estou minha ama.

- Vae dizer aos portadores, que estão esperando, que se podem retirar; depois volta cá.
- Ja estou a caminho, e estarei de volta.

Reservei este espaço para registar aqui mais um acto de bondade e filanthropia Imperial.
« Consta-nos que S. M. o Imperador, sabendo que o pastor protestante da colonia de Petropolis estava gravemente doente, e por falta de meios não se retirava para esta corte como lhe fôra aconselhado a fim de fazer-se-lhe a operação de que carecia, enviára ao dito pastor, que é tambem seu mestre de lingua alemã, um bilhete feito de seu proprio punho, o qual continha dentro a quantia de cinco contos de reis para occorrer ás despezas do seu curativo. »

Adeus minha estimavel Redactora. Vou ver hoje os retalhos das peças - Anna la Prie, Macheth, e Mariade Rudez que nos offerece o theatro Provisorio em companhia da deliciosa caxuxa

– 150 –

executada pela Baderna, e não sei quantos pedaços de bailados do corpo de baile.

Talvez por atacado fosse muito melhor a venda. Veremos e ouviremos.

- Promptissimo!
- Bem, Santos, agora leva estes papeis á Sra. D, Joanna, e dize-lhe da minha parte que o dito, dito.

6 de Maio

Bellona.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só cora o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade coutra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

O Dr. Manoel Maza, sogro do proscripto Alsina, foi o protector da mocidade de Rosas, o amigo indulgente, que encobria as extravagancias do moço e que mediava sempre entre este e seu pai.

Amigo dedicado e conselheiro prudente, relevantes provas de dedicação, dera o Doctor á Rosas, e o dia que este subiu ao poder supremo acumulou empregos e honras sobre o seu velho amigo.

O processo dos Reinafés. foi o abismo que separou para sempre destinos de Rosas e seu conselheiro...

O abismo sem fundo onde rolarão extintas as lembranças da sua longa e constante amizade!

O Dr. Maza collocou a sua assignatura debaixo da sentença que condena á morte os Reinafés... e desde esse dia tremendo, em que a lei serviu de mascara á mais atróz e nefanda vingança, o remorso principiou a sua obra de purificação sobre a alma do ex-conselheiro, de Rosas!

Quaes os erros, quaeas as culpas do Dr. Maza!.. não as aprofundaremos nós.... Diante do seu cadaver sanguinolento e insepulto, o fuzil do instoriador quebra-se, e uma lagrima de piedade cárrega sobre esses ossos alvejantes no meio do campo. Porque o infortunio do homem assáz resgatou a culpa do juiz!

Retirado á sua quinta do bairro de Monserrat, nada suspeita o Dr. sobre a captura do seu genro, que o suppõe ainda no Brasil.

E' a tarde do dia em que Alsina chegou a Buenos-Ayres... o Dr. Maza está com a sua familia reunidos em uma vasta sala, cujas janellas deitão para o jardim.

O ruido que atordoa a cidade chega já enfraquecido até á morada da familia Maza, e como estão acostumados a esse furacão constante de - vivas, de morras, de foguetes, de repiques e a toda essa algazarra mashorqueira emfim, não se desperta a sua curiosidade por isso.

Uma tintura melancolica está espargida sobre a physionomia d'aquellea familia, indicando alguma coisa de mysterioso e deploravel n'aquellea casa, cujos moradores só se fallão em voz baixa, onde em longas horas, curvado cada um a um a fazer qualquer não se pronuncia uma só palavra, não se liga conversa de qualidade alguma.

O Dr. Maza é homem de fisionomia varonil e intelligente, robusto e de natureza vigorosa, porém desde o dia da execução dos Reinafés, seus cabellos tornarão-se brancos, seu corpo curvou-se, suas mãos principiarão a tremer, e uma velhice prematura o aproximou vinte annos da sepultura!

Assentado ao pé de uma janella, em uma grande poltrona, seu olhar triste e contemplativo, se perde no espaço, como se elle orasse mentalmente.

Sua mulher, D. Mercedes, e a sua outra filha a Sra. de Guerrino, assentadas a poucos passos d'elle, escolhem em um cesto de mimosas e fragantes flores as melhores que devem ornar o oratorio do qual elles tão religiosamente cuidão!

N'outro extremo da sala um joven militar, typo de belleza e de elegancia, está em pé, deixando girar pelas flores do jardim, seus negros e brilhantes olhos.

Aquelle moço era filho natural do Dr.; tinha o seu nome de familia, e ignorava que D. Mercedes não fosse sua mãe porque, aquella santa senhora só tivera indulgencia para a falta de seu marido, e coração de mãe para o inocente fructo d'essa mesma culpa....

Este rasgo do caracter de D. Mercedes revela quem era a mãe da esposa de Alsina e de Guerrico.

Profundo silencio reina no salão, onde as emanações suaves das flores lhe dão uma atmosphera particular.... esta quietação é interrompida pela chegada de Corvalan.

A incorrigivel cabelleira deixa em descuberto a nuca do coronel, e cobre a sua testa exactamente

- 151 -

como se fosse um barrete de dormir. A' sua entrada na sala, Corvalan recúa a cabelleira, porém infelizmente falto de calculo volta de traz para diante, e os raros negalhos dos seus ruços cabellos ficão espalhados pela descoberta careca.

O coronel comprimenta as senhoras, aperta a mão aos cavalheiros, e assenta-se.

- Temos alguma boa nova pela cidade? pergunta o Dr. Maza com visivel exforço.
- Sim, temos uma importante noticia sem duvida; responde Corvalan, mas eu supponha encontrar já aqui a D. Antonia. Acrescentou lançando em roda de si olhar prescriptador.

- Minha filha em Buenos-Ayres! exclamou sobresaltada a pobre mãe.

E o espanto e a curiosidade se debuxou em todos os rostos - querião e temião a revelação que era evidente, pela visita de Corvalan.

O joven Maza tomou a palavra.

- E que motivos tem o Sr. coronel, para suppor que minha irmã devia achar-se aqui?
- Nada mais natural, capitão Maza; seu cunhado, o selvagem unitario Alsina, foi capturado, e a estas horas já está elle bem aferrolhado no Ponton.

Não ha palavra que possa exprimir os sentimentos, temores e augustias, que manifestava o semblante dos individuos da familia Maza.

A indignação, a dor, a execração do tyranno, querem fazer explosão, e só com grande exforço consegue a prudencia socegar aquelles animos.

- Nada sabiamos, absolutamente, nada! balbuciou o Dr. Maza.
- Muito sinto ter sido eu a primeira pessoa que viesse affligil-os, ainda que a notícia seja tão favoravel á nossa causa; porque esse selvagem unitario de Alsina é inimigo pessoal de S. Ex. o illustre restaurador, e por conseguinte os seus amigos devem estimar a sua prisão.

Corvalan trazia bem estudada a lição, com que devia abrir a primeira brecha na reputação, como amigo de Rosas, e do Dr. Maza.

- Mas em fim, onde estão minha filha e meu neto? Perguntou D. Mercedes enxugando o pranto

- Julgão que estrarão ainda á bordo: disse Corvalan.
- Ramon, acrescentou o Dr. dirigindo-se a seu filho, vae buscar a tua irmã.
- Só esperava as ordens de meu pae, responde o joven capitão. E tomando seu bonét de quartel, sahiu a correr, em testemunho da sua fraternal solicitude.

Depois da partida de Ramon, o coronel Corvalan não julgou decente permanecer na sociedade de pessoas, que se preparão a receber uma selvagem unitaria, mulher de um selvagem unitario.

O coronel, toma um ar solemne, levanta-se, comprimenta secamente ao ex-conselheiro e sua familia, e não passa o lumiar da porta sem dizer de maneira que possa ser ouvido.

Selvagens! Unitarios infames! todos são uns!!

(*)**Vide o n. 17**

Continua.

Por mui desculpavel inconveniente não damos hoje como haviamos promettido a linda modinha - o BOTÃO DE ROSA. - Em substituição offerecemos porém uma terna cansoneta italiana - IL SUSPIRO, musica que nos foi offerecida por um amador, e composta pelo Sr. Delcourt.

Redacção.

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engracado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PRECO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.